

O discurso bélico do futebol brasileiro: em pauta os pré-discursos

Manuel VERONEZ¹

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Divinópolis, Minas Gerais, Brasil;
| manuel.junior@uemg.br | <https://orcid.org/0000-0002-8777-9859>

Resumo: O presente artigo, com base em fundamentos do quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, sobretudo a partir da noção de Pré-discursos formulada por Marie-Anne Paveau em seu livro *Os Pré-discursos: sentido, memória, cognição* (2013), tem o objetivo de analisar alguns dados relacionados às questões do futebol brasileiro com o intuito de verificar como se dá o imbricamento entre o discurso do futebol brasileiro e os Pré-discursos relacionados às guerras e aos conflitos armados. Dessa forma, nossas hipóteses são: i) o discurso do futebol brasileiro parece ser de configuração bélica; e ii) os Pré-discursos em torno dos quadros de crenças, saberes e práticas relacionadas às guerras e aos conflitos armados parecem alimentar e retroalimentar o suposto discurso bélico do futebol brasileiro. Por fim, nosso resultado é de que esses pré-discursos se imbricam com o discurso do futebol brasileiro, dando a este um tom bélico, por meio de uma linguagem de guerra ressignificada semanticamente e da metáfora do conflito, numa espécie de violência simbólica. Portanto, concluímos que nossas hipóteses podem ser, num primeiro momento, sustentadas, cabendo, assim, mais investigações.

Palavras-chave: Pré-discursos. Futebol brasileiro. Discurso bélico. Linguagem de guerra. Metáfora.

The War Speech of Brazilian Football: Prediscourses on the Agenda

Abstract: Drawing on the theoretical-methodological framework of French Discourse Analysis, particularly the notion of Prediscourses as formulated by Marie-Anne Paveau in her book *The Prediscourses: Meaning, Memory, Cognition* (2013), this article aims to analyze data related to Brazilian football issues. The objective is to verify how the overlap between Brazilian football discourse and prediscourses related to wars and armed conflicts occurs. Thus, our hypotheses are: i) the discourse of Brazilian football appears to be warlike; and ii) the Prediscourses surrounding frameworks of beliefs, knowledge, and practices related to wars and armed conflicts seem to both nourish and reinforce the perceived warlike discourse of Brazilian football. Finally, our results indicate that these Prediscourses overlap with the discourse of Brazilian football, lending it a warlike tone through a semantically re-signified language of war and the metaphor of conflict, in a form of symbolic violence. Therefore, we conclude that our hypotheses can initially be supported, thus warranting further investigation.

Keywords: Prediscourse. Brazilian football. Warlike discourse. Language of war. Metaphor.

| Introdução

Valendo-nos de Franco Júnior (2017), é evidente que ninguém questione que devemos levar em consideração as condições sócio-históricas de produção e de surgimento de fenômenos filosóficos, literários, artísticos, políticos etc. Para além disso, é também inquestionável que toda e qualquer manifestação cultural exprime a cinesia da história que, por sua vez, em certa medida, também intervém na(s) manifestação(ões) cultural(ais).

Contudo, quando se trata de jogos, como o futebol, parece não ser tão evidente esse imbricamento entre a manifestação específica do esporte e suas correlações sócio-históricas-culturais. De acordo com Franco Júnior (2017, p. 9), o futebol não se constitui e não se legitima autonomamente, como se estivesse alheio à história: “Para entendê-lo em profundidade [o futebol], é imprescindível levar em conta as articulações entre ele e a sociedade global na qual se insere – sem, é claro, ver nelas relações causais, mecânicas”.

Segundo o autor, até mesmo o futebol moderno criado pelos ingleses é fruto das transformações e dos desdobramentos históricos, sociais, culturais de inúmeros outros jogos que utilizam a bola e que são/foram praticados por civilizações mais antigas. Dessa maneira, apesar de o futebol ser encarado, na maioria das vezes, como algo ligado à emoção e à diversão, Franco Júnior (2017, p. 11) propõe o seguinte: “Todavia, é legítimo e desejável pensar no futebol também de forma não episódica, usando a ‘pequena história’ factual e imediata para tentar alcançar as estruturas do fenômeno”.

Sendo assim, com o intuito de abordar o futebol de maneira acadêmica e científica, o recorte de nossa pesquisa se justifica pela necessidade de compreender de que modo os Pré-discursos relacionados às guerras e aos conflitos armados podem alimentar e retroalimentar o possível discurso bélico do futebol brasileiro. Tal discurso tem atraído um número significativo de seguidores e tem se tornado objeto de preocupação devido às suas mensagens e narrativas que reforçam a violência nos estádios entre torcedores e jogadores, torcedores e torcedores e jogadores entre si.

À guisa de apresentação, segundo Paveau (2013, p. 130), os pré-discursos são “um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos (saberes, crenças, práticas), que dão instruções para a produção e para interpretação do sentido no discurso”. Consoante a autora, esses quadros apresentam seis propriedades específicas: coletividade; imaterialidade; transmissibilidade; experimentalidade;

intersubjetividade; e discursividade. Retomaremos essas questões na seção de análises desse artigo.

Por conseguinte, nossas hipóteses são: i) o discurso do futebol brasileiro parece ser de configuração bélica; e ii) os Pré-discursos em torno dos quadros de crenças, saberes e práticas relacionadas às guerras e aos conflitos armados alimentam e retroalimentam o suposto discurso bélico do futebol brasileiro, legitimando, assim, esse tipo de discurso.

Nesse sentido, nosso objetivo geral é verificar como se dá o imbricamento entre esse possível discurso de guerra do futebol brasileiro e os Pré-discursos que o permeiam; já para o objetivo específico, buscamos analisar alguns dados relacionados ao futebol brasileiro que usam termos ligados à guerra, e a um certo glossário específico das Forças Armadas do Brasil (2015), ao enunciarem sobre o futebol, tais como: artilheiro; artilharia; guerra; bomba; tiro de meta; tiro livre direto/indireto; ataque; defesa; contra-ataque etc. Dessa forma, nosso intuito é traçar uma relação entre os Pré-discursos bélicos em questão e o possível discurso bélico do futebol brasileiro.

Para as próximas seções, apresentaremos as condições sócio-históricas de relação entre futebol e guerra; mobilizaremos as análises de nossos dados à luz da teoria dos pré-discursos proposta por Marie-Anne Paveau (2013); apresentaremos os resultados; e teceremos as considerações finais.

| Futebol e guerra: condições sócio-históricas de relação

Apoiado em Ehrenreich (1998), Franco Júnior (2017) vai afirmar que a autora conseguiu verificar que mesmo as mulheres, no passado, quando não privadas de participar dos jogos guerreiros das sociedades das quais faziam parte, apresentavam comportamentos brutais iguais aos dos homens. Ademais, o cristianismo, ao longo do tempo, também contribuiu para uma certa violência dos comportamentos ao aliar religião e guerra, esta sendo sacralizada e aquela bestializada. Quer dizer, a guerra estaria no DNA humano, pois, de caça dos grandes animais do passado pré-histórico, passou a caçador.

Buscando, dessa maneira, uma conexão entre o futebol e o que foi dito alhures, Franco Júnior (2017) apresenta dois exemplos no futebol feminino: i) Em 2007, pela segunda divisão francesa, Celtic Marseille jogou contra VGA Saint-Maur e duas jogadoras brigaram. Após o fim da partida, as torcedoras do Marseille emboscaram a torcida adversária e agrediram violentamente uma torcedora;

ii) uma outra equipe francesa, na mesma época, o ES Le Cannet-Rocheville, chegou a afirmar em seu *blog* que a violência era algo bom.

Nesse sentido, corroborando um pouco mais com essa conexão pretendida entre futebol e guerra, Franco Júnior (2017) se vale das sociedades ocidentais europeias para exemplificar que, há séculos, por meio de suas religiões, elas cultuam e até mesmo idolatram deuses beligerantes: os celtas, que têm um conjunto vasto de deuses bélicos, masculinos e femininos; os antigos romanos, que, para além do deus Marte (deus da guerra), têm figuras divinas associadas ao mundo bélico, como Jano, Júpiter e Quirino; os germanos, que tem Thor como deus da guerra e o mais prestigiado; etc.

É nesse contexto de um alto grau de força, poder e destruição cultivados pela civilização ocidental que, em 1863, conforme Franco Júnior (2017, p. 167), foram consolidadas as regras do futebol, embora ele tenha surgido anteriormente no interior dos liceus ingleses para disciplinar alunos insubordinados e extremamente violentos. Parecia ser uma espécie de desdobramento da ideia de humanização da guerra, como parte de um projeto maior: “[...] como procurou fazer no ano seguinte [1864] a Convenção de Genebra ao estabelecer um acordo internacional sobre a forma de feridos, doentes e prisioneiros serem tratados durante conflitos armados”.

Assim, pautando-se em Sun Tzu (1996), cuja obra é conhecida pelo Ocidente desde 1772, o qual afirma que a simulação é primordial para conduzir uma guerra, Franco Júnior (2017) igualmente afirma que a simulação também é crucial para o futebol, dentro e fora de campo: dentro seria o drible sempre inesperado, desconcertando o oponente; fora poderia ser o acontecimento da semifinal das Olimpíadas de 1924 em que a Iugoslávia espionou o treino do Uruguai que, sabendo da artimanha, realizou um treinamento falso para enganar o adversário e ganhou a partida por sete a zero (7 x 0).

É, pois, devido às características de euforia, alegria, sentimento de liberdade que o futebol passa a ser, no início do século XX, uma prática importantíssima no interior das políticas internacionais dos países, por parecer ser algo que exalta, de forma pacífica, os sentimentos de pertencimento a uma determinada nação. Franco Júnior (2017, p. 168) exemplifica com uma partida realizada em Bruxelas entre Bélgica e França quatro meses após o fim da Primeira Guerra Mundial: o intuito era celebrar a aliança entre os dois países; a partida contou com 25 mil torcedores. Esse evento comemorativo perdurou por mais de meio século e era sempre realizado em 11 de novembro, data da assinatura do Armistício de Rethondes (11/11/1918): “Era a guerra simbólica substituindo a guerra concreta”.

Jules Rimet, criador da Copa do Mundo e presidente da FIFA em 1921, acreditava que o futebol proporcionaria a harmonia entre as nações. Dessa forma, um campeonato mundial poderia acalmar os ânimos e evitar novas guerras funestas, como foi a Primeira Grande Guerra. No entanto, o futebol não teve esse poder, pois, posteriormente, em 1939, eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Todavia, de acordo com Franco Júnior (2017, p. 168), Rimet acreditava que o futebol era uma espécie de metaforização dos confrontos armados, pois apresentava características semelhantes da chamada “guerra ritual primitiva”. Isso poderia ajudar a evitar as guerras reais: os clãs (os times) organizariam para si um corpo de solidariedade interna; e procurariam construir entre si (entre clãs/times) um equilíbrio:

De fato, ele ocorre numa savana (terreno de jogo) entre jovens que, com gestos de força e habilidade físicas (correr, chutar, saltar, cabecear, agarrar, peitar), procuram atingir seu alvo (gol) mais vezes que o adversário. Cada batalha é de curta duração (noventa minutos), com períodos de tréguas entre elas (de extensão variável conforme os calendários esportivos). Todo confronto é regulamentado (dezessete regras do jogo) para os guerreiros (jogadores) e de livre manifestação para os civis dos clãs (os torcedores), que estimulam seus soldados (literalmente, “aqueles que lutam por um soldo, uma remuneração”, como é o caso dos futebolistas profissionais) e depreciam os membros do clã contrário (Franco Júnior, 2017, p. 168).

Esses tipos de jogos existem e existiram no mundo todo, a exemplo dos maias e astecas com o seu *tlachtli* que, de certa maneira, gerava para a população uma redistribuição política e econômica, evitando conflitos e guerras; do Ceilão antigo que, não querendo a morte do rival, bastava apossar-se das insígnias reais para vencer; e do próprio futebol moderno que, de forma simbólica, tem no ato de fazer o gol a aniquilação do adversário. Parafraseando Franco Cardini (1995), Franco Júnior (2017) afirma que há a possibilidade de pensar o futebol como sendo uma espécie de guerra benigna, se considerarmos que a guerra é um tipo de festa cruel, como afirmou o autor italiano supracitado.

Quer dizer, a essência bélica é intrínseca ao futebol e podemos perceber isso nas partidas, pois os jogos deixam determinadas comunidades, ao mesmo tempo, muito longe (identitariamente falando) e muito perto (geograficamente falando) umas das outras, provocando, assim, um certo combate. Franco Júnior (2017) nos apresenta alguns exemplos: i) a nível de clubes – temos o Celtic (católico) e o Rangers (protestante); o Arsenal (burguês) e o Tottenham (proletário); o Lazio (fascista) e a Roma (socialista); o Boca Juniors (pobre) e

o River Plate (rico); o Grêmio (elitista) e o Internacional (popular) etc.; ii) a nível mundial, provocando certos simbolismos históricos – temos Inglaterra x Escócia; Inglaterra x Alemanha; Alemanha x Holanda; Holanda x Bélgica; Bélgica x França; França x Itália; Portugal x Espanha; Brasil x Argentina etc.

Mesmo o futebol, em certa medida, tendo uma característica violenta, Franco Júnior (2017) defende uma relativização dessa violência para considerar, por exemplo, que a simulação de guerra feita pelo futebol, por meio de suas práticas (jogos, torcidas, comentaristas, imprensa etc.), pode contribuir na amenização e/ou no impedimento de um conflito real. Apesar de alguns atos de violência concretos e explícitos, por vezes, acontecerem, como entre torcidas, entre jogadores, entre torcidas e jogadores etc.

O futebol, para o autor, de maneira geral, funciona como uma guerra simbólica na qual, por exemplo, consegue suspender uma guerra real: em 1969, para ver Pelé e a sua equipe Santos jogarem, a guerra civil nigeriana foi paralisada por um período. Percebemos, nesse sentido, um imbricamento forte entre futebol e guerra/futebol e conflitos armados.

| Os pré-discursos em ação: descrição dos dados e análises

Iniciaremos as análises de nossos dados à luz do quadro teórico-metodológico dos Pré-discursos proposto por Marie-Anne Paveau (2013, p. 129). Dessa forma, segundo a autora, e retomando o que falamos no início desse artigo, os pré-discursos são uma tentativa de imbricamento entre discurso e cognição, mais especificamente, a cognição distribuída (Hutchins, 2000). Trata-se de determinados elementos que decorrem da concepção de mundo organizada pelos seres humanos viventes em sociedade e de seus acúmulos de experiências: “dados que não são materialmente discursivos, porém não são mais totalmente estranhos à discursivização”.

Nesse sentido, esses elementos pré-discursivos são uma espécie de construtivos discursivos prontos para a criação de discursos, os conduzindo de forma quase coativa. Dessa maneira, os pré-discursos, segundo Paveau (2013), são um agrupamento de quadros compartilhados de saberes, crenças, práticas que instruem a produção e a interpretação de sentidos nos discursos. Esses quadros, para conseguirem instruir semanticamente os discursos, precisam apresentar seis propriedades: coletividade; imaterialidade; transmissibilidade; experimentalidade; intersubjetividade; e discursividade.

Vale destacar que há uma relação entre os pré-discursos e o pré-construído mobilizado por Pêcheux (1997, 2002). No entanto, Paveau (2013, p. 72) afirma haver algumas diferenciações: enquanto o pré-construído se manifestaria de forma indireta na superfície linguística dos enunciados, nas “estruturas sintáticas particulares”, os pré-discursos podem se manifestar em dimensões que vão além do funcionamento linguístico em si, viabilizando, assim, outros níveis de análise linguística.

É nessa perspectiva que mobilizaremos a análise de nossos dados, operacionalizando as seis propriedades dos pré-discursos a fim de verificar a sustentação, ou não, de nossas hipóteses, o alcance de nossos objetivos e buscar também compreender o modo pelo qual se dá a possível relação entre os pré-discursos relativos às guerras e o provável discurso bélico do futebol brasileiro. Sendo assim, dividiremos, a seguir, cada propriedade pré-discursiva em subseções ligadas a essa seção.

| Coletividade

Segundo Paveau (2013), essa propriedade propõe uma cooperação entre indivíduo e sociedade. Para a autora, os pré-discursos são compartilhados coletivamente, mas são apropriados singularmente por cada sujeito. A coletividade, assim, produz uma certa intersubjetividade, pois os pré-discursos conhecidos por todos de uma determinada comunidade são apropriados de forma inconsciente e individual pelo sujeito, na ilusão de estar produzindo enunciados originais e inéditos.

Os pré-discursos, conforme Paveau (2013, p. 131), não se reduzem às máximas e/ou aos enunciados estereotipados, eles “circulam sob as diversas formas expressas pelos locutores a partir de sua apropriação dos quadros coletivos”. No Brasil, os quadros de saberes, crenças, práticas vinculados às guerras e aos conflitos armados são compartilhados coletivamente por vários meios: escola, novelas, livros, revistas, redes sociais etc. É na escola que aprendemos sobre as guerras e os conflitos armados nacionais e internacionais – Guerra de Canudos (1896-1897); Revolta da Chibata (1910); Guerra do Paraguai (1864-1870); Guerra da Independência do Brasil (1822-1824); etc. São as novelas que têm como pano de fundo, para legitimar seu enredo, guerras nacionais – *A Muralha* (2000 [1968-1969]), para saber sobre a expansão dos bandeirantes; *A casa das sete mulheres* (2003), para conhecer a Guerra dos Farrapos; *Éramos seis* (2019 [1958]), para conhecer a Revolução Constitucionalista de 1932; etc.

Ainda, são nos livros acadêmicos e/ou revistas especializadas que os aspectos das guerras são debatidos – *As grandes guerras da história* (1967), de B. H. Liddell Hart; *História das Guerras* (2011), organizado por Demétrio Magnoli; *A história do Brasil nas duas Guerras Mundiais* (2019), organizado por Mary Del Priore e Carlos Daróz; etc.. E é nas redes sociais que nos informamos, hoje, ao vivo, sobre as guerras internacionais atuais: Rússia x Ucrânia; Israel x Hamas/Hezbollah; Guerra civil do Sudão (menos divulgada nas mídias); etc.

No discurso do futebol brasileiro, observamos que, de maneira singular, os sujeitos desse discurso específico parecem apropriar-se de alguns termos, léxicos, verbetes relacionados aos quadros de saberes, crenças e práticas das guerras e dos conflitos armados e os ressignificar a partir do posicionamento futebolístico em que se inscrevem, tais como: artilheiro/artilharia e seus derivados; atacante/ataque e seus derivados; esquadrão; reserva; matador; guerra; bomba; tiro de meta (tiro livre direto e indireto) e seus derivados; capitão; tática; defesa e seus derivados; contra-ataque² etc. Isso, de certa forma, parece tornar o discurso do futebol brasileiro um discurso relativamente bélico.

I Imaterialidade

A imaterialidade, de acordo com Paveau (2013, p. 131), é uma propriedade que apresenta um caráter tácito aos pré-discursos, como se estes, ocultamente, não estivessem explícitos aos discursos produzidos por determinados locutores/sujeitos e não pudessem, assim, existir. “Os pré-discursos não se inscrevem, diretamente, na materialidade discursiva, eles imprimem nela marcas indiretas (o que eu chamo de ‘apelo aos pré-discursos’)”.

Para a autora, os sujeitos dos discursos, em suas práticas, não têm ciência dos pré-discursos que mobilizam: “imateriais, eles [pré-discursos] não são formuláveis, nem traduzíveis no discurso, mas são identificáveis, como veremos, pelos traços de sua presença” (Paveau, 2013, p. 132). Além disso, a pesquisadora reitera que os pré-discursos têm a ver com fontes de natureza social e cultural, não política e ideológica, e podem ser aplicados em quaisquer discursos, do mais comum ao mais sofisticado.

Nesse sentido, no discurso do futebol brasileiro, o traço tácito da presença dos pré-discursos vinculados às guerras e aos conflitos armados estaria no

2 É importante ressaltar que sabemos que as palavras “ataque”, “defesa”, “contra-ataque” não são palavras usadas exclusivamente pelo futebol, outros esportes, normalmente coletivos, também as usam, mas, mesmo assim, não podemos descartá-las de nossas análises (é preciso levá-las em consideração), pois estão, em certo nível, relacionadas aos pré-discursos vinculados às guerras e aos conflitos armados.

sentido produzido pelos enunciados e interpretado pelos sujeitos de dentro e de fora do discurso futebolístico, por meio da mobilização de palavras, léxicos, verbetes, termos inerentes. Dessa forma, esse possível discurso bélico do futebol brasileiro parece apelar, pré-discursivamente, a uma metaforização da guerra, pois a cada jogo, uma nova tensão se instala, porém, ninguém morrerá efetivamente se perder a partida (como morreria numa guerra real, por exemplo, àqueles que perderam a batalha), o que é sabido (tácito) por todos da sociedade em que esse discurso está inserido, amantes ou não do futebol.

Castanho Filho (2016) propõe um dicionário do futebol brasileiro, compilando 725 verbetes que ele apurou ao longo de campeonatos assistidos e transmitidos pelos *streamings*. Ao observarmos as definições dadas pelo autor aos verbetes vinculados ao mundo bélico, constatamos que elas se distanciam muito, em sentido e interpretação, das definições dadas, por exemplo, pelo Glossário das Forças Armadas (2015), o qual falaremos na próxima seção.

Recortamos, a seguir, desse dicionário, alguns verbetes relacionados às questões bélicas e suas definições no interior do discurso do futebol:

- (1) artilheiro: “que faz muitos gols” (p. 2);
- (2) atacante/ataque: “jogador(es) de frente” (p. 3);
- (3) esquadrão: “time de boa qualidade” (p. 13);
- (4) reserva: “jogador que substitui o titular que está jogando” (p. 24);
- (5) matador: “artilheiro” (p. 19);
- (6) bomba: “chute forte” (p. 5);
- (7) tiro de meta: “recomeço do jogo feito a partir da pequena área” (p. 26);
- (8) capitão: “líder formal do time” (p. 6);
- (9) tática: “organização do time em campo” (p. 26);
- (10) contra-ataque: “ataque feito em velocidade com o outro time desorganizado na defesa” (p. 9); etc.

Percebemos que essas definições são de conhecimento tácito da sociedade brasileira, mesmo aquele ou aquela que não gosta ou não sabe de futebol entenderia o que é ser um artilheiro, um matador, aquele que chutou uma bomba no ângulo etc. e não vincularia esses termos a uma guerra de verdade entre povos e nações. Quer dizer, não precisaria de um dicionário específico do futebol brasileiro para formalizar seus significados para a sociedade brasileira.

| Transmissibilidade

A transmissibilidade, por sua vez, é uma propriedade que retoma o caráter coletivo dos pré-discursos, já abordado alhures. Dessa maneira, para compreender melhor seu funcionamento, afirma Paveau (2013, p. 135), a ideia de coletividade precisa ser desdobrada em dois segmentos: o eixo sincrônico e o eixo diacrônico. O eixo sincrônico é responsável por construir, difundir e fazer circular os quadros de saberes e crenças dos pré-discursos. É o eixo “da comunicabilidade enciclopédica”, em que os sujeitos inscritos em determinados discursos, e até mesmo a sociedade como um todo, partilham de algum tipo de conhecimento, instrução, saber.

Segundo a investigadora francesa, além dos sujeitos dos discursos, os chamados dispositivos de saberes e crenças (a natureza, o tempo, ferramentas do dia a dia, obras/livros em geral, cursos, aulas etc.) também são encarados como agentes pré-discursivos. Nessa perspectiva, esses dispositivos também contribuem para a construção de saberes e de crenças pré-discursivos.

Já o eixo diacrônico é responsável pela transmissibilidade no tempo. Paveau (2013, p. 136) assevera que, em termos discursivos, tudo aquilo que adquirimos numa anterioridade e reelaboramos para reproduzir posteriormente é coletivo, e é por meio da memória que se dá, fundamentalmente, essa transmissibilidade comunitária. No entanto, não é uma simples memória que guarda e joga fora os dados semânticos e enciclopédicos, é “uma memória cognitivo-discursiva, que constrói linhagens discursivas [...], ou seja, as configurações semânticas transportadas pelos discursos transmitidos”.

Observando nossos dados analíticos, em relação ao eixo sincrônico, e indo além das possibilidades de transmissibilidade já apresentadas na primeira propriedade – coletividade (escola, novelas, livros etc.), vamos nos deter, nesse momento, ao Glossário das Forças Armadas (2015), documento no qual nos parece ser um conhecimento enciclopédico bastante relevante e constitutivo dos pré-discursos possíveis que alimentam e retroalimentam o também possível discurso bélico do futebol brasileiro, pois conceitua/define uma gama de verbetes relacionados às forças armadas e à guerra (de modo geral) e que são também usados/mobilizados no interior do discurso do futebol brasileiro.

Retomaremos, assim, os léxicos, e seus derivados, já citados na propriedade dois – imaterialidade – para compararmos como o discurso futebolístico brasileiro e as Forças Armadas do Brasil definem os verbetes artilheiro/artilharia; atacante/ataque; esquadrão; reserva; bomba; tiro de meta; tática; e contra-ataque. Dessa

forma, como a conceituação/definição desses léxicos pelo discurso do futebol brasileiro já foi apresentada alhures, nos concentraremos aqui à conceituação/definição desses mesmos léxicos pelo viés das Forças Armadas brasileira. Ademais, é importante ressaltar que, como apresentaremos as definições *ipsis litteris* do Glossário das Forças Armadas (2015), mostraremos apenas trechos destas por uma questão de espaço, mas que será suficiente para nosso procedimento analítico.

Nesse sentido, temos o seguinte:

(1) artilharia (um derivado de artilheiro), que está subdividido em três – artilharia antiaérea; artilharia de campanha e artilharia divisionária. Mostraremos a definição desta última: “Grande unidade de artilharia de uma divisão de exército. Para fins operacionais, é toda artilharia colocada sob o comando do comandante da divisão de exército e por este empregada diretamente” (p. 38);

(2) ataque: “1. Ato ou efeito de dirigir uma ação ofensiva contra o inimigo, buscando neutralizar alvos previamente localizados e identificados. 2. Emprego de meios aéreos para neutralizar ou destruir alvos inimigos, previamente localizados e identificados” (p. 39);

(3) esquadrão: “1. Grupamento de navios organizado para fins administrativos ou táticos. 2. Tropa de valor subunidade do Exército, podendo ser independente ou orgânica de um regimento de cavalaria ou batalhão de aviação do Exército. [...]” (p. 106);

(4) reserva: “1. Tropa disponível para servir de reforço durante o combate. 2. Meios não empregados inicialmente, conservados sob o controle do comandante, para emprego em ocasião oportuna, como elemento capaz de influir na ação. [...]” (p. 240);

(5) bomba: o Glossário não apresenta uma definição própria de bomba, mas ela aparece nos verbetes relacionados a bombardeios, dado como algo já conhecido por todos: “BOMBARDEIO EM MANOBRA ASCENDENTE – Tipo de bombardeio em que a bomba é largada quando o avião está no ramo ascendente de uma manobra acrobática contida num plano vertical.” (p. 49);

(6) tiro de meta: para este verbete, o Glossário apresenta apenas a palavra tiro, mas ela também não apresenta um conceito autônomo, pois aparece em vários outros verbetes. No entanto, temos o verbete “tiro livre”; “tiro direto”; e “tiro indireto”, em que poderíamos associar ao tiro livre direto e indireto

do futebol: “TIRO LIVRE – Estado de ação da defesa antiaérea onde o tiro é liberado sobre quaisquer alvos não identificados como amigos. Esse estado de ação corresponde à condição de sobrevoo proibido.” (p. 268); “TIRO DIRETO – Tiro executado contra alvo visado diretamente pela alça da arma (canhão, metralhadora ou obuseiro) ou pela alça diretora.” (p. 268); “TIRO INDIRETO – Tiro executado, sobre alvo que pode ser visível ou não pelo atirador, com base em dados calculados de direção, distância e ângulo vertical, resultando em uma trajetória curva da arma até o alvo.” (p. 268);

(7) tática: “Arte de dispor, movimentar e empregar as forças militares em presença do inimigo ou durante o combate. [...]” (p. 265);

(8) contra-ataque: o Glossário apresenta o “Contra-atacar”: “Ação ofensiva, temporária e local, desencadeada por parte ou pela totalidade de uma força defensora, para conquistar terreno perdido ou para isolar, desorganizar ou destruir forças atacantes.” (p. 73).

Percebe-se, fazendo uma comparação, que os conceitos dos verbetes mobilizados pelo discurso futebolístico brasileiro são bastante diferentes dos conceitos dos verbetes propostos pelas Forças Armadas do Brasil. Contudo, parece haver uma áurea, uma espécie de essência bélica incorporada pelo discurso do futebol brasileiro, no sentido de escolher esse léxico e não outro específico em seu lugar, pois a metaforização de uma guerra real ainda parece ser o ponto central do referido discurso analisado.

No que concerne ao eixo diacrônico para a nossa investigação, essa transmissibilidade pelo tempo parece se instaurar numa ideia de conflitos, rixas, revanches virtuais entre nações e clubes nacionais do Brasil, por meio do jogo de futebol, numa espécie de simulação de confrontos. Desta feita, apresentaremos alguns clássicos do futebol mundial e alguns clássicos de clubes nacionais com a finalidade de tentar mostrar essa memória cognitivo-discursiva funcionando a qual, temporalmente, parece instruir outros sentidos e interpretações no interior do discurso do futebol brasileiro no que diz respeito às mobilizações das questões militares (embora haja momentos de violência real).

Nessa perspectiva, Utz (2021) lista oito maiores clássicos mundiais de seleções que disputam a Copa do Mundo de Futebol (para exemplificar, citaremos três): Peru x Chile – O Clássico do Pacífico. A rivalidade ultrapassa o campo, pois os dois países já se guerrearam por conta de territórios; Argélia x Marrocos – A rixa também vem do extracampo. Ambos os países disputam territórios e fecham

fronteiras; e Inglaterra x Escócia – Ambas disputam a criação do futebol. Há quase 150 anos se digladiam em campo para afirmarem seus protagonismos, pois a Inglaterra afirma ter inventado as regras, e os escoceses afirmam ter aprimorado o jogo³.

Por sua vez, os clássicos nacionais, em sua grande maioria, têm a rivalidade operando em questões regionais, geográficas, de identidade etc. Sarmiento (2024) nos apresenta alguns: Fla-Flu – Flamengo x Fluminense (Rio de Janeiro); Derby Paulista – Palmeiras e Corinthians (São Paulo); Gre-Nal – Grêmio x Internacional (Rio Grande do Sul); Clássico dos Milhões – Vasco x Flamengo (Rio de Janeiro); Ba-Vi – Bahia x Vitória (Bahia); Re-Pa – Remo x Paysandu (Pará); San-São – Santos e São Paulo (São Paulo); Super Clássico Mineiro – Cruzeiro x Atlético Mineiro (Minas Gerais), dentre outros. Percebemos, nessa perspectiva, que parece haver uma metaforização de conflitos armados, brigas e guerras entre as seleções mundiais e as equipes nacionais, que buscam vencer sempre e se impor perante seu rival.

Para esse eixo, observamos uma memória de guerra real metaforizada em partidas de futebol, tanto nacionais quanto internacionais. Dessa maneira, mais uma vez percebemos, tanto sincronicamente quanto diacronicamente, que o discurso do futebol brasileiro parece buscar uma aproximação com a prática, o saber e a crença de uma guerra real para legitimar seu discurso de tom bélico, por meio da ressignificação conceitual de certos léxicos militares (eixo sincrônico enciclopédico) e de uma metaforização dos jogos em que simbolizam uma guerra e/ou conflitos armados (eixo diacrônico temporal).

| Experimentalidade

De acordo com Paveau (2013), essa quarta propriedade integrante dos quadros pré-discursivos coletivos fica responsável por organizar a experiência que, ao mesmo tempo, cria e pré-cria o entendimento individual do mundo. Isso, de certa maneira, mostra que os pré-discursos têm uma dimensão cognitiva, e tal dimensão perpassa por uma memória conceitual de ordem ideológica, social e cultural.

Além de organizador da experiência, a experimentalidade, segundo a autora, dá aos pré-discursos uma antevidência dos prováveis discursos a serem produzidos. “Os quadros pré-discursivos servem, na verdade, tanto para

³ É importante ressaltar que nossas análises focarão os aspectos brasileiros, mas que a relação entre futebol e guerra se dá também em outras línguas, em que mobilizaremos em pesquisas futuras.

organizar o passado quanto para prever o futuro, o futuro sendo interpretado nas categorias elaboradas graças à leitura das experiências passadas” (Paveau, 2013, p. 136).

A investigadora francesa ainda destaca que, por meio da experimentalidade, os pré-discursos são organizadores dinâmicos de saberes e de crenças, essenciais para o sujeito conseguir se situar no tempo e apreender situações discursivas ainda não experienciadas. Nesse sentido, cada sujeito irá organizar a experiência de forma singular, ainda se tratando de um mesmo acontecimento ocorrido no interior de uma coletividade na qual compartilha crenças, saberes e práticas. Isso é possível graças a uma memória-cognitiva-discursiva de ordem cultural, social, dentre outros fatores, que torna cada prática do sujeito uma singularidade discursiva.

Posto isso, em relação aos nossos dados de análises, percebemos que há, minimamente, duas formas distintas e singulares dos possíveis sujeitos do discurso do futebol brasileiro (jogadores, torcidas, jornalistas etc.) organizarem a experiência do futebol: i) uma compreendendo a metáfora do conflito por meio do jogo com a bola, sem violências explícitas, em que a aniquilação é simbolizada no fazer o gol e vencer a partida; e ii) outra compreendendo literalmente o futebol como uma guerra, um conflito, um meio de violência, em que a aniquilação é a morte real do adversário ou a provocação de danos e ferimentos.

Para exemplificar o que temos em i), apresentamos uma postagem da página oficial do Clube de Regatas do Flamengo no Instagram, em 2022, em razão do dia internacional da paz, 21 de setembro: “Por um mundo melhor, em que artilheiro seja apenas o jogador que faz muitos gols; em que bomba seja só um chute indefensável; e combater seja somente roubar a bola do adversário” (n.p.); apresentamos também uma notícia do Globo Esporte (2024), na ocasião, o Sport Club Corinthians Paulista ainda sonhava com o título da Copa do Brasil. Botta e Matos (2024) enunciam o seguinte: “O discurso está alinhado: ‘domingo é guerra’. Os gritos dos torcedores do Corinthians depois da goleada sobre o Athletico-PR por 5 a 2, [...], foram reproduzidos por Emiliano Díaz na coletiva de imprensa projetando o próximo compromisso do Timão” (n.p.).

Já para exemplificarmos o que temos em ii), apresentamos uma fala de Rizek (2024) sobre as torcidas organizadas violentas do futebol brasileiro, em especial, sobre o fato de a torcida organizada do Palmeiras ter emboscado a torcida organizada do Cruzeiro matando um torcedor e ferindo outros: “A guerra não vai parar. Imagina você estar pegando a estrada, com sua família, domingo de

manhã, e se vê com esse cenário. Poderia ser na Ucrânia, poderia ser na Faixa de Gaza, mas aconteceu por causa de futebol [...]”; temos também um comunicado oficial do Clube de Regatas do Flamengo (2024) postado no Instagram em que o clube repudia o ambiente de guerra e violência ocasionado pelos torcedores do Atlético Mineiro na final da Copa do Brasil de 2024: “Infelizmente, o cenário de guerra visto ontem não é uma novidade em jogos realizados em Belo Horizonte, contra a equipe do Atlético Mineiro”.

Constatamos, dessa forma, que a experimentalidade é uma propriedade que também parece corroborar com nossas hipóteses de que o discurso do futebol brasileiro tem um tom bélico e este tom se dá pelos pré-discursos relacionados às guerras e conflitos no geral que o alimentam e retroalimentam. Seja metaforizado, seja real, os sujeitos desse discurso codificarão suas experiências e realizarão suas práticas de forma singular, no entanto, no interior dessa singularização, haverá em comum as práticas, os saberes e as crenças da guerra e dos conflitos, funcionando, assim, como uma espécie de pano de fundo: seja em sua simbolização, seja interpretada de forma literal.

| Intersubjetividade

A quinta propriedade, denominada de intersubjetividade, dá aos quadros pré-discursivos coletivos um caráter de aproximação e de relatividade em relação à verdade de determinados conteúdos e significados que são produzidos em determinadas sociedades e em determinados discursos, segundo Paveau (2013). A autora explica que esse caráter de aproximação significa algo que não é/foi submetido a um critério de verdade lógica (verificação, demonstração etc.), como o caso da doxa, do prejulgamento, do estereótipo etc.

A pesquisadora francesa, baseando-se em Martin (1983), também afirma que o caráter de relatividade está imbricado com a ideia de que a verdade é uma questão de relação. Dessa forma, é possível constatar que os pré-discursos abarcam conteúdos e significados que são imprecisos no que se refere à definição e até mesmo falsos no que diz respeito ao plano da realidade objetiva. Por exemplo: em termos de Física, seria falso afirmar que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar – mas há um certo ditado popular que afirma o contrário; em termos meteorológicos, seria impreciso, hoje em dia, afirmar que no dia de finados sempre chove, devido ao aquecimento global – mas há quem afirme a certeza dessa antiga constatação (antes de um aquecimento climático mais severo).

Assim, indo um pouco mais além, Paveau (2013, p. 139) propõe que o caráter de relatividade dos quadros de crenças, saberes e práticas pré-discursos seja encarado enquanto adaptação. Quer dizer, os pré-discursos são adaptáveis: “os critérios de verdade dependem de parâmetros da situação”. Em suma, os quadros pré-discursivos coletivos, por meio dessa quinta propriedade, apresentam um enfoque prático: servem para o sujeito, inscrito em um determinado campo e espaço social discursivos, assumir comportamentos adequados às conjunturas.

Observando nossos dados analíticos, depreendemos que, por meio da intersubjetividade, questões tão antagônicas como guerra e futebol parecem poder se imbricar/se relacionar, construindo uma certa verdade possível, como vimos em dados e exemplos anteriores apresentados nas quatro últimas propriedades. Em outras palavras, como os pré-discursos são relativos (adaptativos) e aproximados, a verdade, qualquer que ela seja, é construída. Dessa forma, o discurso que busca reivindicar determinada verdade, por meio de suas práticas, saberes e crenças, também busca sua legitimação a partir das contingências enunciativas. Sendo assim, um tipo de verdade é construído.

Percebemos, por conseguinte, que esses caracteres adaptativo e aproximado dos pré-discursos corroboram uma vez mais com a nossa questão de hipotetizarmos um possível batimento entre futebol e guerra: algo que tem como fim a destruição, a dominação e a morte (guerra); e o futebol, que tem a questão do jogo, das vitórias, das premiações, das não mortes. Sendo assim, parece possível que os pré-discursos relativos às guerras e aos conflitos armados e o discurso do futebol brasileiro possam ser postos em relação por meio de uma mesma verdade construída, dada a intersubjetividade imanente.

Constatamos também que a propriedade da intersubjetividade está fortemente imbricada com a quarta propriedade, a experimentalidade, pois a partir da maneira pela qual os sujeitos inscritos no discurso do futebol brasileiro que, por sua vez, está inscrito num determinado campo e espaço discursivos, apreendem as crenças, os saberes e as práticas que dispõem sobre a guerra e os conflitos armados, vai fazer com que esses sujeitos construam uma verdade possível de que o futebol é um tipo de guerra, mas uma guerra metaforizada (por vezes, vemos violências explícitas e reais).

Isso nos leva a acreditar que esses sujeitos, a partir de uma situação específica, em uma determinada situação enunciativa, vão realizar práticas discursivas e produzir enunciados que conseguem legitimar, relacionar, adaptar e aproximar coisas, *a priori*, contrastantes: o futebol e a guerra. Nesse sentido, as crenças, as práticas e os saberes coletivos pré-discursivos relacionados à guerra e aos

conflitos armados parecem conseguir se adaptar e se aproximar das conjunturas do discurso do futebol brasileiro.

| Discursividade

A última propriedade apresentada por Paveau (2013, p. 140) é a discursividade, que tem como característica a junção de todas as outras propriedades, em certo sentido. Para a autora, os quadros pré-discursivos coletivos se desvendam no discurso e são analisáveis do ponto de vista linguístico. No entanto, eles não se inscrevem na materialidade linguageira, eles são reivindicados, numa espécie de apelo, por meio de sinais, formas linguageiras etc. Quer dizer, os pré-discursos evocam “uma partilha do sentido comunicável por distribuição e transmissível por herança memorial. No entanto, esses pré-discursos, não acessíveis ao locutor, são tácitos”.

Em outras palavras, o caráter de discursividade dos pré-discursos sinaliza nos discursos a coletividade, a imaterialidade, a transmissibilidade, a experimentalidade e a intersubjetividade que alimentam e retroalimentam esses mesmos discursos. No nosso caso, o discurso do futebol brasileiro, que apresenta um tom bélico, podendo ser denominado de discurso de guerra do futebol brasileiro.

Por fim, para finalizar nossas análises, apresentamos uma notícia de uma mídia esportiva do Brasil (ge) que parece, em uma única matéria, indicar esse jogo quase maniqueísta de guerra metaforizada e guerra real praticada, legitimada e constituída pelo discurso do futebol brasileiro: “Jogo da Série D é marcado por gols, lei do ex, artilharia e polícia em campo; assista”. Um trecho da matéria enuncia o seguinte:

A partida entre River-PI e Fluminense-PI, pela 11ª rodada da Série D do Campeonato Brasileiro, reservou diversos ingredientes de um jogo pegado entre rivais do mesmo estado. O confronto, que terminou em 2 a 2, listou belos gols, polêmica por pênalti não marcado, expulsões, invasão da torcida em campo e polícia na proteção dos árbitros (ge, n.p., 2024).

A parte metaforizada de um conflito, semelhante a uma guerra, estaria nos léxicos “rivais”, “confronto”, “expulsões”, termos que, no futebol, simbolizam uma luta para se ganhar pontos e melhorar a posição na tabela do campeonato. Entretanto, ao mesmo tempo, temos nessa prática futebolística enunciações que parecem apresentar uma certa vontade de estabelecer uma guerra real,

um conflito violento que pode chegar a feridos e mortos: “invasão da torcida”; “polícia na proteção dos árbitros”.

Constatamos novamente a possibilidade de sustentação de nossas hipóteses: o discurso do futebol brasileiro tem um aspecto bélico, de guerra, de conflito e esse tom é alimentado e retroalimentado pelos quadros de saberes, crenças e práticas relacionadas às guerras e aos conflitos armados.

| Considerações finais: resultados e conclusões

Buscamos, com essa pesquisa, aferir como se dá o imbricamento entre esse possível discurso de guerra do futebol brasileiro e os Pré-discursos que o permeiam; buscamos também examinar alguns dados relacionados ao futebol brasileiro que usam termos ligados à guerra, e a um certo glossário específico das Forças Armadas do Brasil (2015), ao enunciarem sobre o futebol, tais como: artilheiro; artilharia; guerra; bomba; tiro de meta; tiro livre direto/indireto; ataque; defesa; contra-ataque etc. Dessa forma, nosso intuito foi delinear uma relação entre os Pré-discursos bélicos em questão e o possível discurso de guerra do futebol brasileiro.

Por esta razão, levantamos duas hipóteses: i) o discurso do futebol brasileiro parece ser de configuração bélica; e ii) os Pré-discursos em torno dos quadros de crenças, saberes e práticas relacionadas às guerras e aos conflitos armados alimentam e retroalimentam o suposto discurso bélico do futebol brasileiro, legitimando esse tipo de discurso.

Procuramos, assim, compreender de que modo os Pré-discursos relacionados às guerras e aos conflitos armados podem alimentar e retroalimentar o possível discurso bélico do futebol brasileiro. Após nossas análises, nossos resultados foram de que esses pré-discursos em questão alimentam e retroalimentam o discurso de guerra do futebol brasileiro por meio de uma linguagem ressignificada semanticamente de determinados léxicos, termos e verbetes relacionados às guerras e aos conflitos e da metáfora, numa espécie de violência simbólica, permeados pelas seis propriedades constitutivas dos pré-discursos.

Concluimos, dessa forma, que nossas hipóteses, a princípio, podem ser sustentadas, mas sendo necessário mais investigações para verificar a regularidade e a efetividade de nossas proposições. Buscaremos, em pesquisas futuras, ampliar a interlocução com outras pesquisas recentes que discutem práticas culturais e linguagens esportivas no contexto brasileiro, fortalecendo ainda mais a atualização bibliográfica e o impacto acadêmico do estudo.

| Agradecimentos

Agradecemos a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) pelo apoio e fomento por meio do Edital nº 06/2023 – Programa de bolsas de produtividade em pesquisa (PQ/UEMG).

| Referências

A CASA das sete mulheres. Autores: Maria Adelaide Amaral, Walther Negrão. Direção: Carter Redwood, Jayme Monjardim, Marcos Schechtman. Gênero: Drama. Brasil: Globo Comunicação e Participações S.A., 2003. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/a-casa-das-sete-mulheres/t/ZsVHhwYMqZ/detalhes/>. Acesso em: 09 out. 2024.

A MURALHA. Autor: Maria Adelaide Amaral. Gênero: Drama, Época. Brasil: Globo Comunicação e Participações S.A., 2000. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/a-muralha/t/fKG6b2HRzC/detalhes/>. Acesso em: 09 out. 2024.

BOTTA, E.; DE MATOS, J. E. “Domingo é guerra”: entenda missão (cumprida) do Corinthians de olho em final da Copa do Brasil. **ge**. São Paulo, [s. v.], [s. a.]. 19 out. 2024. 11h00 (Atualizado há 3 semanas). Corinthians. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2024/10/19/domingo-e-guerra-entenda-missao-cumprida-do-corinthians-de-olho-em-final-da-copa-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2024.

CARDINI, F. **Quell’antica festa crudele**: guerra e cultura dela guerra dal Medioevo ala Rivoluzione Francese. Milão: Mondadori, 1995.

CASTANHO FILHO, E. P. **Vocabulário do futebol**. Eucalyptus: página da internet, 2016. Disponível em: https://www.eucalyptus.com.br/artigos/C47_Vocabulario+Futebol.pdf. Acesso em: 09 out. 2024.

CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO. Comunicado. Rio de Janeiro. 11/11/2024. **Instagram**. @flamengo. Disponível em: <https://www.instagram.com/flamengo/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO. Por um mundo melhor. Rio de Janeiro. 21/09/2022. **Instagram**. @flamengo. Disponível em: <https://www.instagram.com/flamengo/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

DEL PRIORE, M.; DARÓZ, C. (org.). **A história do Brasil nas duas Guerras Mundiais**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

EHRENREICH, B. **Blood Rites: Origins and History of the Passions of War**. Nova York: Metropolitan, 1998.

ÉRAMOS seis. Autor: Maria José Dupré. Gênero: Drama. Brasil: Globo Comunicação e Participações S.A., 2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/eramos-seis/t/FDMcMpvPhM/detalhes/>. Acesso em: 09 out. 2024.

FRANCO JÚNIOR, H. **Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HUTCHINS, E. Distributed cognition. **International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences**, Elsevier Science, p. 1-10, 2000.

LIDDELL HART, B. H. **As grandes guerras da história**. 6. ed. São Paulo: Ibrasa, 1967.

MAGNOLI, D. (org.). **História das Guerras**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTIN, R. **Pour une logique du sens**. Paris : PUF, 1983.

MINISTÉRIO DA DEFESA. **Glossário das Forças Armadas**. 5. ed. Brasília: Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, 2015. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/arquivos/ajuste-01/legislacao/emcfa/publicacoes/doutrina/md35-G-01-glossario-das-forcas-armadas-5-ed-2015-com-alteracoes.pdf>. Acesso em: 25 out. 2024.

PAVEAU, M-A. **Os pré-discursos: sentido, memória, cognição**. Tradução Greciely Costa e Débora Massmann. Revisão da Tradução: José Horta Nunes. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2002.

Por REDAÇÃO do ge. Jogo da Série D é marcado por golaços, lei do ex, artilharia e polícia em campo; assista. **ge**. Teresina, [s. v.], [s. a.]. 01 jul. 2024. 07h48. Brasileirão Série D. Disponível em: <https://ge.globo.com/pi/futebol/brasileirao-serie-d/noticia/2024/07/01/jogo-da-serie-d-e-marcado-por-golacos-lei-do-ex-artilharia-e-policia-em-campo-assista.ghtml>. Acesso em: 16 nov. 2024.

RIZEK, A. Sobre as torcidas organizadas violentas no futebol brasileiro. **Seleção Sportv**. Rio de Janeiro. Sportv. 28/10/2024. TV. Disponível em: <https://ge.globo.com/sportv/programas/selecao-sportv/video/andre-rizek-diz-temer-por-retaliacoes-das-organizadas-a-guerra-nao-vai-parar-13050456.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SARMENTO, P. Quais são os principais clássicos brasileiros? Veja lista. **ge**. Rio de Janeiro, [s. v.], [s. a.]. 09 abr. 2024. 07h30. Futebol. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/lista/2024/04/09/c-quais-sao-os-principais-classicos-brasileiros-veja-lista.ghtml>. Acesso em: 23 out. 2024.

SUN TZU. **A arte da guerra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

UTZ, F. As 8 maiores rivalidades de seleções do futebol mundial. **90MIN**. Cidade não informada, [s. v.], [s. a.]. 09 jul. 2021. Hora não informada. Posts. Disponível em: <https://www.90min.com/pt-BR/posts/as-8-maiores-rivalidades-de-selecoes-do-futebol-mundial>. Acesso em: 23 out. 2024.

Como citar este trabalho:

VERONEZ, Manuel. O discurso bélico do futebol brasileiro: em pauta os pré-discursos. **Revista do GEL**, v. 22, n. 1, p. 307-328, 2025. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 10/10/2024 | Aceito em: 10/12/2024.